Universidade Federal de Ouro Preto

Cursos: Ciência da Computação

Aluno(a): Enya Luísa Gomes dos Santos

Disciplina: EAD700

Professor: Hércules Tolêdo Corrêa

Fichamento: **Sobre escrever em movimento: compartilhando fragmentos de vida em dispositivos móveis de comunicação**

FONTE: ALBUQUERQUE, Alana; HENNIGEN, Inês. Sobre escrever em movimento: compartilhando fragmentos de vida em dispositivos móveis de comunicação, p. 01-21, 2015

1 – “Celulares multifuncionais, multiplicidade de telas, notificações diversas que bipam em diferentes aparelhos. Estamos hiperconectados, e sem fios. A conexão wi-fi ou as tecnologias de conectividade móvel como 3G ou 4G nos permitem a conexão à internet sem a necessidade de fixarmo-nos em um ponto de acesso local [...].” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 01-02)

2 – “Neste cenário, estabelecemos uma conexão cada vez mais fusional com as máquinas. Não andamos mais sem nossos celulares, não desgrudamos os olhos das telas, somos dependentes desses aparelhos para vários afazeres do cotidiano.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 02)

3 – “[...] Desenvolvemos habilidades de sermos multifuncionais, mas ao mesmo tempo continuamos sufocados por uma enxurrada de informações, contatos, interações, imagens, sons, palavras... [...]” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 03)

4 – “[...] podemos definir a hiperconectividade como uma condição de conexão contínua e generalizada na qual estamos imersos através de nossos dispositivos móveis constantemente conectados à internet” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 04)

5 – “[...] vemo-nos diante de escritas fragmentadas que nada mais são do que micro-relatos de si nas redes, como em atualizações instantâneas que atendem a uma necessidade de ser visto e a uma urgência que é obcecada pelo que acontece em “tempo real”.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 08)

6 – “O imperativo do imediatismo que permeia nossas relações exige um novo tipo de escrita. Com o tempo e a evolução das tecnologias, a escrita vai perdendo seu caráter original de marca riscada para se tornar cada vez mais etérea, virtual, desterritorializada, o oposto da escavação em uma pedra” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 09)

7 – “Todas essas novas formas do gesto de escrever na era da conexão digital fazem nos constatar enfim que não há uma essência que defina a escrita enquanto gesto, [...] Cada época reinventa as formas de escrever por meio de diferentes tecnologias” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 10)

8 – “A espera remete a uma inoperância tediosa que nos assusta. Não toleramos o tempo ocioso, e muito menos a sensação de que “o mundo está passando sem nós”.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 11)

9 – “A metáfora do boneco Wally, protagonista das ilustrações de Martin Handford (2011), solitário e perdido em meio à multidão, parece ser um dos símbolos de nossa época, no que se refere ao medo de, em meio à infinidade de corpos, de vozes, de imagens e de posts na rede, tornar-se anônimo e insignificante.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 11)

10 – “Essa necessidade do compartilhamento instantâneo lembra-nos de uma impressão que Roberto da Matta (1978) registra sobre a solidão do antropólogo que se encontra em terras estranhas, longe de casa.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 12)

11 – “A hiperconectividade acentua uma modalidade que Santaella e Lemos (2010) chamam de always on, que gira em torno dessa necessidade exagerada de atender ao aqui e agora.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 13)

12 – “Diante desse cenário, as práticas de compartilhamento instantâneo de escritas estão inseridas em novas espacialidades e novas temporalidades, essas últimas referindo-se a uma forma de vivenciar a passagem do tempo regida pela urgência e pelo imediatismo.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 13)

13 – “Basta andar pelo centro da cidade, sentar em algum lugar público ou compartilhar um ônibus de transporte coletivo para que uma imagem nos chame a atenção: a quantidade de pessoas concentradas em seus aparelhos celulares, muitas vezes com seus fones de ouvido, aparentemente alheias ao mundo ao seu redor. [...] Grudam-se os olhos no celular porque atendê-lo é inadiável. A escrita nesse tipo de dispositivo é cada vez mais urgente.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 15)

14 – “Quando pensamos na escrita instantânea das atualizações com as quais nos deparamos nas redes sociais na internet, é difícil distinguir nesse momento se estamos diante de puras informações ou de relatos de si. Na verdade, talvez seja impossível realizar tal distinção.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 16)

15 – “Nas redes digitais, observamos um tipo de relato de si que não se volta para a rememoração do passado, como nas narrativas e nas práticas autobiográficas e diarísticas, mas sim para a vivência instantânea do que está acontecendo,” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 16)

16 – “Um vídeo que circula pelas redes chamado The innovation of loneliness, de Shimi Cohen, afirma que, quando compartilhamos nossas vidas nas redes, estamos fingindo que estamos tendo experiências quando, na verdade, não estamos. O que estamos fazendo é forjar experiências apenas para ter algo a compartilhar, já que o imperativo da visibilidade, aqui, é o mais importante.” ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 19)

17 – “Nessas escritas instantâneas que circulam pelas redes parecem estar impressos os efeitos da tensão entre, por um lado, a captura do sujeito pela pressão do tempo imediatista, e por outro, a tentativa de ligar-se aos acontecimentos que o rodeiam, reter algo para si.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 19)

18 – “Do rumor perpétuo de atualizações em tempo real ao silêncio do arquivo virtualizado de um perfil, os microrelatos que desfilam nas redes intentam captar, ilusoriamente, o instante, registrando-o e compartilhando-o com um tipo muito diferente de plateia: espectadores que navegam em um mar de centenas de histórias entrelaçadas artificialmente pelas tramas da rede digital.” (ALBUQUERQUE; HENNIGEN, 2015, p. 19)